

O DESENVOLVIMENTO DA COREIA DO SUL:

De sua Origem ao Milagre do Rio Han na visão de Kenneth Waltz

Diogo Carvalhosa da Costa

Henrique Gomes Magalhães¹

RESUMO

A história de origem da Coreia deriva-se de contos místicos tão antigos quanto as dinastias chinesas conhecidas de 2000 anos a.C. No decorrer dos séculos de sua criação, a Coreia passou por diversas configurações geopolíticas, indo de proto-estados até 3 reinos principais, Goguryeo, Silla e Baekje, para o que conhecemos hoje como Coreia. Com o passar das gerações, a península coreana tornou-se alvo de ocupações, seguida de uma divisão com fins econômicos e ideológicos, surgindo as conhecidas Coreia do Sul e Coreia Norte. O objeto deste trabalho será o Estado sul-coreano junto de seu desenvolvimento, abordando suas estratégias de crescimento por meio de uma neorrealista pelo pensador Kenneth Waltz.

Palavras Chave: Coreia do Sul; desenvolvimento; Kenneth Waltz; neorrealismo.

Introdução

A história de origem da Coreia deriva-se de contos místicos tão antigos quanto as dinastias chinesas conhecidas de 2000 anos a.C. No decorrer dos séculos de sua criação, a Coreia passou por diversas configurações geopolíticas, indo de proto-estados até 3 reinos principais, Goguryeo, Silla e Baekje, desenvolvendo sua economia, política e cultura, além de seu poderio militar, tornando mais tarde Silla vitoriosa dentre os demais reinos em suas disputas territoriais. Após diferentes reconfigurações, nos dias atuais, a Coreia do Sul como conhecemos, tornou-se uma das maiores economias do mundo. Por isso, este trabalho possui o objetivo de buscar entender, pela visão do pensador neorrealista Kenneth Waltz, o porquê uma nação de pouca importância se transformou em um dos chamados Tigres Asiáticos, assim como sua importância para o cenário internacional, sendo um Estado tão importante em nosso sistema. Dito isto, este trabalho acadêmico possui uma natureza de pesquisa básica, com objetivo de pesquisa explicativo, abordagem de pesquisa qualitativa e trata-se de um estudo de caso bibliográfico.

2. Coreia Pré-Divisão

Através de uma política expansionista e de industrialização, durante a Restauração Meiji, o Japão iniciou seu avanço para o Leste Asiático. O contato histórico entre coreanos e japoneses era inevitável, tendo em vista sua alta proximidade geográfica de aproximadamente 60 km da cidade Sul-coreana de Busan até a ilha de Tsushima, ponto mais próximo da

¹ Docente e orientador do projeto de pesquisa

fronteira do Japão com a península coreana. Por isso, durante o começo do século XX, a passagem para o resto do continente asiático já estava garantida com a derrota chinesa na Primeira Guerra Sino-Japonesa (1894-1895) e com a queda russa na Guerra Russo-Japonesa (1904-1905). Podemos perceber pela pesquisa de Rafaela Santos de Paula, dois impérios em declínio sendo subjugados por uma nova potência na região, anexando cada vez mais territórios, como a península coreana em 1910 (PAULA, 2016, pg. 35), promovendo-se então como uma das autoridades deste período.

Em 1941, durante a Segunda Guerra Mundial, a estabilidade do império japonês no combate vinha a ser testada com a declaração de guerra ao seu país de uma das maiores potências do período, Estados Unidos (EUA), além de forças aliadas na guerra, como União Soviética, tendo o Pacífico e territórios tomados pelo Japão como alvos dos principais conflitos para as forças japonesas. Não obstante, por maior que fosse a força o poderio bélico japonês, sua força veio a ser superada pela rápida reposição de tropas americanas nas zonas de combate, diferente da baixa capacidade do Japão de substituir suas forças. No fim, com o enfraquecimento do Japão na guerra, a rendição dos japoneses ocorreu em 1945, perdendo seus territórios obtidos ao longo dos anos para as nações vitoriosas na guerra, sendo um deles a própria Coreia.

3. Divisão das Coreias

Após o fim de um dos conflitos armados mais conhecidos do mundo, a ocupação japonesa na península coreana veio a se diluir. No entanto, se iniciava no mundo a Guerra Fria, disputa ideológica de décadas, levando tanto os americanos quanto os soviéticos a permanecerem na região. Neste cenário, dividindo a península em norte e sul, utilizando o paralelo 38, “Essa época foi marcada pela instabilidade do país, tanto pela falta de diretrizes americanas para reger o Sul quanto pela tensão que se alargava entre os EUA e a URSS (PAULA, 2016). A parte sul, apoiado pelos americanos, inicialmente comandada por Douglas MacArthur, aplicou eleições diretas para a entrada de Syngman Rhee e mantendo a capital da região, Seul em sua zona, por outro lado, Kim Il-sung, apoiado pelos soviéticos, subia ao poder no norte, uma dinastia até hoje governada por sua família, com sua capital em Pyongyang (HAHN, 2019).

Desta forma, em meio às tensões entre os dois lados da península, no dia 25 de junho de 1950, a Coreia Norte lançaria um ataque ao paralelo 38, ultrapassando sua fronteira com o sul e seguindo rumo a Seul, a capital da Coreia do Sul. As forças de Kim Il-sung tomaram a capital sul-coreana em poucos dias, avançando até Busan, possuindo pouca resistência do lado

de Syngman Rhee. Vendo o ocorrido, os Estados Unidos decidem intervir no conflito através do apoio da Organização das Nações Unidas (ONU), em uma reunião do Conselho de Segurança, boicotada pela União Soviética, facilitando as intenções americanas. Tendo em vista a chegada da ONU no conflito, os sul-coreanos recuperaram seu lado da península, além de iniciarem sua marcha para o norte, tomando Pyongyang, e aproximando-se da fronteira com a China. Preocupados com o resultado da guerra, os chineses, em um regime já comunista na época, entraram no conflito, retomando o lado norte da Coreia, assim, mantendo a guerra nas proximidades do paralelo 38 até uma possível paz armada. Ao final do conflito, em 1953, um armistício foi assinado, buscando o encerramento do conflito e uma declaração de paz entre os países, mas as tensões duram até a atualidade com uma das fronteiras mais fortificadas do planeta, a Zona Desmilitarizada das Coreias (DMZ) (HAHN, 2019).

4. Desenvolvimento Sul-coreano

Na disciplina de Relações Internacionais, nota-se uma famosa teoria chamada de neorealismo ou como alguns conhecem por realismo estrutural, desenvolvida pelo cientista político Kenneth Waltz, em seu livro “Theory of International Politics”, publicado em 1979. O realismo estrutural surge como contraponto para a ideia tradicional construída por pensadores como Thomas Hobbes e Hans J. Morgenthau, abordando uma ideia de um estado de natureza e maldade entre os seres em uma terra sem leis, logo utilizando tal argumento para justificar a razão das guerras, onde a busca por poder causa conflitos armados. Diante de tal afirmação, Waltz rebate esta visão com o pensamento de que guerras são apenas uma opção em meio a atores que buscam sua sobrevivência no sistema internacional, descentralizando a ideia de poder, através da retórica de uma anarquia entre os Estados (WALTZ, 1979).

Diante disto, durante a década de 1960, após a diminuição da tensão entre as Coreias, o lado sul vivia em meio a uma crise e dependência internacional. Um dos principais desafios do governo de Syngman Rhee, seguido do governo de Park Chung Hee, para o desenvolvimento do país, seria a educação precária. A maior parte das indústrias havia ficado ao norte da península, enquanto o sul possuía uma economia agrária. A principal entrada de capital para o investimento em educação viria de auxílio estrangeiro, em especial americano, ou de empréstimos, ocasionando no aumento da dívida externa.

A preocupação americana com a dependência sul-coreana era real, pois o capital que fora empenhado na Segunda Guerra, bem como na Guerra da Coreia ajudando o lado do Sul, não havia previsão de retorno. De fato, já se aceitava até um não retorno, porém, por conta do contexto da Guerra Fria, os Estados Unidos não podiam abrir mão da localização geográfica da Coreia do Sul e expandir suas zonas de influências capitalistas ao redor do mundo. (FRANCEZ, 2021)

Independente dos inúmeros investimentos efetuados com renda estrangeira, o plano de desenvolver a educação funcionou, tendo um índice exponencialmente elevado em tal setor público. De certa maneira, os investimentos realizados nas décadas de 1950 e 1960 vieram a gerar frutos apenas nos anos de 1970, mudando a visão internacional em seu período perante a fama da Coreia do Sul de uma nação agrária para um exemplo de Estado industrial e exportador, tendo em vista seu desenvolvimento contínuo na educação (FRANCEZ, 2021). Atrelado aos esforços em alavancar a educação, nota-se um olhar pragmático para políticas exportadoras e autossuficiência, sendo possíveis apenas por um processo de industrialização nos anos 60 em diante. Inicialmente, a Coreia do Sul aplicou uma prática protecionista em sua economia, subsistindo importações pelo crescimento industrial em seu território, utilizando-se de tarifas elevadas e estratégias cambiais para estimular suas empresas em crescimento, consequentemente impulsionando a exportação (GONÇALVES, 2022).

Posto isso, Park Cheng Hee, aplicando políticas intervencionistas, permaneceu com seus ideias de crescimento industrial para modernizar a nação. Para melhores resultados, planos de cooperação entre o Estado e o setor privado foram executados. O Estado sul-coreano, por sua vez, possuiu um papel essencial no incentivo das exportações, transferindo o capital arrecadado para o desenvolvimento industrial no país, focando em indústrias estratégicas, sendo incluídos setores responsáveis pela substituição da importação por industrialização (GONÇALVES, 2022). Portanto, a nação sul na península coreana, através de seus investimentos, mostrou-se um caso distinto perante outros países com planos de industrialização semelhantes, pois, “A Coreia distingue-se de outros países de industrialização tardia pela combinação de proteção e promoção de exportações nas indústrias nascentes e pela criação de um sistema de vinculação entre exportações e importações para a obtenção de apoio estatal” (GONÇALVES, 2022, p. 10).

5. Conclusão

Posto isto, nota-se que as ações sul-coreanas para alavancar seu desenvolvimento podem ser explicadas pelo pensamento de Waltz e do realismo estrutural, tendo em vista que a Coreia do Sul em algumas décadas passou de um dos países mais pobres para uma nação em grande crescimento, possivelmente visando sua sobrevivência no sistema internacional, em um cenário geopolítico político extremamente tenso para si. Seguindo tal lógica, a Coreia do Sul possui fronteira com seu principal rival político, a Coreia do Norte, além de possuir proximidade com a nação chinesa. Portanto, diversos passos para as mudanças da República

da Coreia foram feitas pensando em seu bem-estar no cenário geopolítico de sua região, diante da visão de uma anarquia entre os Estados, onde apenas eles mesmos podem se proteger de sua extinção. Diante disto, as diferentes medidas tomadas pela nação sul-coreana, perante seus incentivos para exportações e investimentos na educação, tomaram um pragmatismo baseado em interesses que apenas o próprio Estado poderia suprir.

Em suma, a Coreia do Sul passou por diversos cenários ao longo de sua história para tornar-se a potência conhecida nos dias de hoje. Seu ponto estratégico no Leste Asiático a tornou alvo de uma ocupação que viria a mudar o rumo da península permanentemente, levando para uma divisão ideológica de uma nação, criando assim, dois Estados exemplos do impacto bipolar de americanos e soviéticos pelo mundo. Sendo assim, independente da divisão da península coreana, além de suas dificuldades enfrentadas no processo, as inúmeras políticas de Estado do sul, visando o desenvolvimento da nação, foram essenciais para a ascensão dos sul-coreanos. Seus resultados, mesmo que a longo prazo, possuíram êxito. Por isso, demonstrou-se que os diversos investimentos em educação, além de políticas focadas na industrialização e controle de suas importações, visando desenvolvimento e a autossuficiência, transformaram uma nação vista em situação precária para um dos poderosos Tigres Asiáticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANCEZ, Pedro A. S. C. P. **A educação e o Milagre econômico do Rio Han na Coreia do Sul (1961-1990)**. Universidade Federal do Espírito Santo: Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, p. 13-p.118, 2021. Disponível em: <https://abrir.link/vjqAJ>. Acesso em: 2 de out.

GONÇALVEZ, Cátia A. C. **O Processo de Industrialização da Coreia do Sul: Intervenção Estatal na Construção de uma Economia Exportadora**. Lisbon School of Economics & Management. Lisboa, abril, 2022. Disponível em: <https://abrir.link/KDBap>. Acesso em: 2 de out.

HAHN, Monica. **National Division and the Korean War**. In: SONG, Ho-jung. **A History of Korea**. The Academy of Korea Studies. Seongnam, No. 10

PAULA, Rafaela S. **Desenvolvimento, Estado e Geopolítica**: Estudo das trajetórias do Japão e da Coreia do Sul. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, p. 15-p. 106, 2016. Disponível em: <https://abrir.link/AlgtI>. Acesso em: 22 de set.

WALTZ, Kenneth N. **Theory of International Politics**. University of California, Berkeley, p. 1-p. 194, 1979.